

Nº 25 - SETEMBRO / DEZEMBRO 2016

MAIS
TMJB
TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

**Nao
d'amores**
Gil Vicente

O feio
Marius von Mayenburg

**Noite da
liberdade**
Ödön von Horváth



TEATRO MUNICIPAL
**JOAQUIM
BENITE**

Três pontos até ao fim do ano

1. Até ao final do ano a Companhia de Teatro de Almada apresenta três criações para o grande público e dois espectáculos para a infância. Do Renascimento à contemporaneidade, passando pelo primeiro terço do século passado, Gil Vicente, Ödön von Horváth e Marius von Mayenburg fazem-nos (em línguas, circunstâncias e poéticas distintas) perguntas para as quais nem sempre encontramos respostas nas nossas vidas. E a que o teatro eventualmente não poderá responder. Mas pode com certeza contribuir para que sejam (bem) colocadas – e debatidas.

2. A qualidade e a diversidade dos espectáculos acolhidos continuam a garantir aos membros do Clube de Amigos do TMJB, e a todos aqueles que nos visitam, um vasto leque de opções para quem tem o gosto de assistir em conjunto a um espectáculo. E não é ainda essa a vantagem das artes de palco em relação ao cinema ou à solidão do vídeo ou da internet nas nossas casas? Assistir, em tempo real, ao que fazem pessoas como nós, dispostas a comunicar-nos, virtuosamente, aquilo que passaram meses a ensaiar? Há quantos séculos não andamos a encantar-nos com o mistério dos intérpretes – actores, cantores, bailarinos e músicos?

3. No final de 2016 termina o contrato de subvenção que a Companhia de Teatro de Almada tem com o Estado, e que tem vindo a renovar-se quadrienalmente desde os anos 90. Como muitas outras estruturas de criação, com subvenções do mesmo tipo, ainda não fomos informados pela tutela acerca de como será o futuro, daqui a menos de quatro meses. Há sensivelmente um ano atrás assistíamos à celebração de compromissos públicos através dos quais a Cultura passaria a ser uma prioridade na construção de um País diferente, no qual as pessoas fossem colocadas acima da austeridade. Em 2013 o anterior executivo fizera recuar o montante anual da subvenção estatal à CTA para os valores de 1997. Valores esses que se mantiveram nos últimos quatro anos. Continuamos à espera.

RODRIGO FRANCISCO

Nº 25 | SETEMBRO / DEZEMBRO 2016



Colaboram neste número Ana Patrícia Santos, Ângela Pardelha, Miguel Martins e Rodrigo Francisco Grafismo
João Gaspar Fotografia de capa Rui Carlos Mateus Impressão Grafedisport, impressão e artes gráficas, SA
Propriedade, distribuição e publicidade Companhia de Teatro de Almada, CRL

Teatro Municipal Joaquim Benite, Av. Prof. Egas Moniz, Almada
Telefone: 21 273 93 60 | Fax: 21 273 93 67 | geral@ctalmada.pt
www.ctalmada.pt | www.facebook.com/TeatroMunicipalAlmada

“A Nao d’amores faz engrenagens de relojoaria”

ENTREVISTA COM ANA ZAMORA

Nao d’amores fez a sua antestreia em Julho, no Festival de Almada. Reuniu, numa co-produção inédita, a Companhia de Teatro de Almada e a Nao d’amores, uma companhia segoviana especializada em teatro pré-barroco e dirigida por Ana Zamora, que em 2008 recebeu o Prémio da Asociación de Directores de Escena de Espanha. Estivemos à conversa com a encenadora, sobre o seu método de trabalho e a vontade de trazer para os nossos dias uma peça vicentina.

A companhia Nao d’amores monta, finalmente, a Nao d’amores. Por que razão baptizaram a vossa estrutura com um título de Gil Vicente?

Nós começámos há exactamente quinze anos e essa é uma das razões pelas quais montamos agora a *Nao d’amores*: poder fechar um ciclo, os quinze anos da companhia. Para mim, utilizar este título de Gil Vicente era uma maneira de homenagear aquele que foi, sem dúvida, o melhor autor do século XVI peninsular e, por conseguinte, todo um período da teatralidade: o Renascimento. Em Espanha, foi muito estudado do ponto de vista académico, mas não é habitual vê-lo em cena. Por outro lado, era uma espécie de metáfora da nossa viagem artística e de tudo aquilo que esta pressupunha. Finalmente, tinha a ver também com a nossa própria cidade. Sempre se disse que Segóvia é uma cidade construída sobre uma rocha calcária, com um rio de cada lado (o Clamores e o Eresma) e com o Alcázar de Segóvia como figura de proa. Por isso, tinha uma espécie de multi-significado que dava bastante peso a um projecto tão complexo e vocacional como aquele que iniciávamos em 2001 com a fundação desta estrutura de trabalho.

Dizia há pouco que o teatro renascentista está muito poucas vezes em cena, em Espanha. Em Portugal acontece a mesma coisa, mesmo com a obra de Gil Vicente. A Nao d’amores, em particular, nunca tinha sido feita por uma companhia portuguesa...

Porque corresponde a um momento que se afasta dos parâmetros ou da preceptiva de uma teatralidade posterior. Isto é: não é uma obra *standard*, com princípio, meio e fim, que se adapte à nossa maneira de ver a teatralidade moderna. É mais primitiva, é um tipo de teatro festivo, com muitos componentes alegóricos, que se afasta daquilo que entendemos como dramaturgias posteriores. Digo posterior, e não contemporânea, porque a dramaturgia contemporânea é muito mais lírica e, por vezes, muito mais desconexa.

Mas as três barcas de Gil Vicente são levadas à cena muitas vezes, em parte porque são dadas na escola. A estrutura da Nao d’amores é semelhante, com vários passageiros a tentarem subir a bordo...

Mas não tem tão subjacente essa base religiosa, que nas outras barcas se aproxima muito da nossa própria doutrina religiosa... É outra coisa. É uma coisa muito mais festiva do que teatral, no sentido literal do termo. Nós especializámo-nos em fazer teatro a partir de elementos



Ana Zamora

que não são puramente teatrais. Aceitamos o repto que nos obriga a descodificar as coisas e a construir um outro tipo de teatralidade, trazendo-a para os dias de hoje. Por um lado, é muito difícil – e eu entendo que as pessoas não se queiram meter num jardim destes, havendo obras que são assim, assim e assim e já está, aplausos... Mas, por outro lado, como motivador da acção teatral, é apaixonante.

Mas talvez seja isso que mais agrada aos espectadores: o facto de ser diferente de tudo o resto.

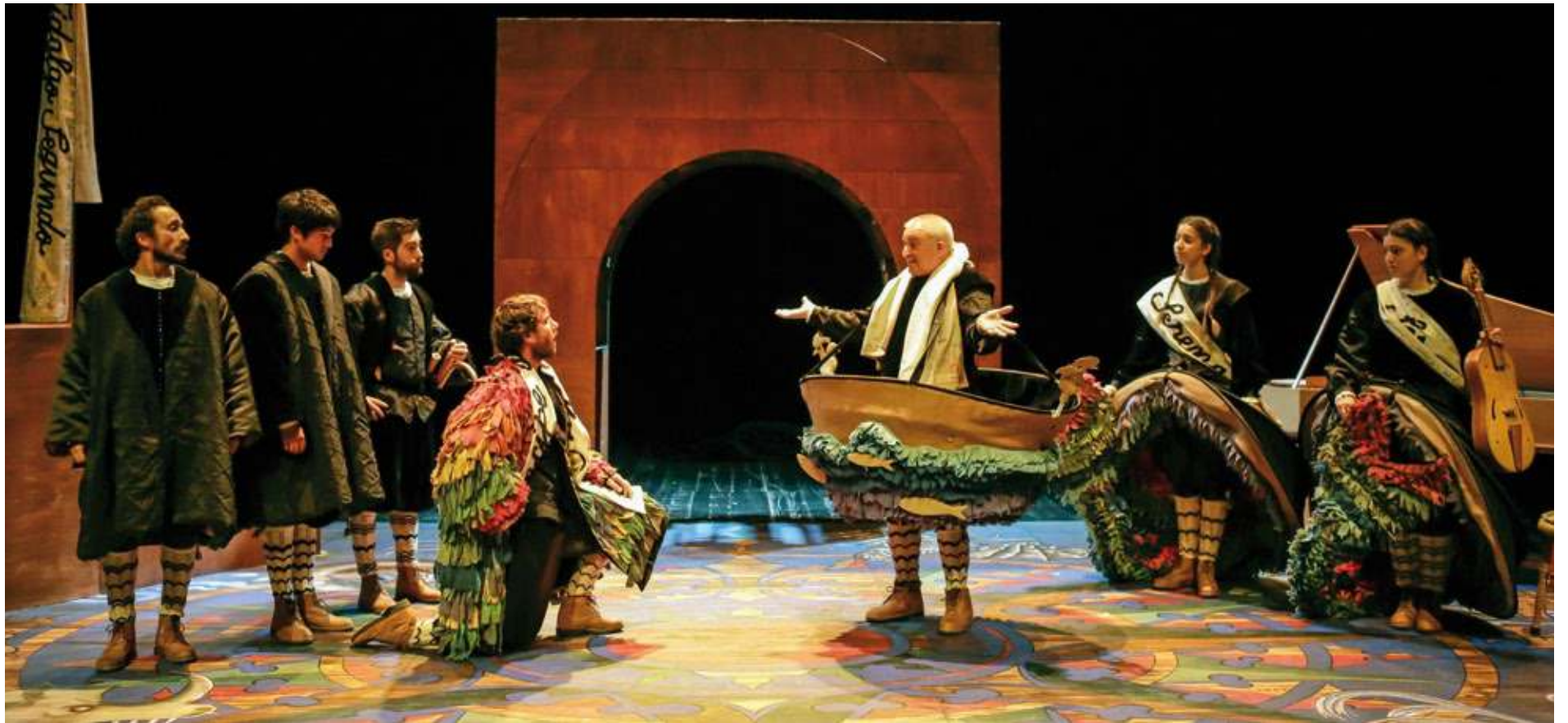
Talvez o segredo esteja no facto de termos decidido trabalhar em harmonia com aquilo que sai do texto. Não ilustramos. Também não contrariamos. Simplesmente mergulhamos no texto – com todos os seus aspectos históricos, plásticos, musicais e literários – e tentamos ser consequentes com tudo isso. E o teatro renascentista tem algo de simplicidade, de naturalidade, de estilização... Não é preciso inventar. Só temos de saber ler e fazer mais com menos. É um pouco esse o nosso lema. Às vezes estabelecemos regras do jogo, regras de síntese tão fortes, tão fortes, que não somos capazes de passar à próxima cena, porque nós próprios não o permitimos. Acho que aprendemos isto com os próprios autores renascentistas. Trabalhamos com aquilo que eles nos oferecem.

E quanto ao papel da música no espectáculo?

No caso da música, aquilo que é absolutamente fundamental é a adaptação, por mim e pela Alicia [Lázaro], de um código que sustente e seja parte integrante da acção dramática. A música como ilustração horroriza-nos. Cada nota que soa em cena está lá para fazer teatro, como qualquer outro elemento. Nós fazemos engrenagens de relojoaria. Não pode haver peças a enfeitar. Na engrenagem só está o indispensável.

O espectáculo é bilingue, como o texto vicentino.

Isso é muito bonito. Quando começámos a ler e a trabalhar sobre o texto, era uma sensação incrível, porque começa a falar Lisboa (em português, claro) e quando entra o Príncipe da Normandia e fala em espanhol... São dois idiomas aparentemente mais próximos do que estão hoje, mas que continuam a ser muito distintos. É algo absolutamente exótico. Eu acho fascinante. Não consigo deixar de ouvir um e de ouvir outro, desde o início do espectáculo. Por isso, quisemos manter o bilinguismo e creio que funciona com a mesma naturalidade que devia funcionar na sua própria época. Até nos ensaios foi assim [risos].



© Rui Carlos Matêus

Zamora cria um Gil Vicente ‘gourmet’

Nao d’amores reúne um elenco de actores e músicos portugueses e espanhóis, inspirando-se no espírito iberista de Mestre Gil. Após a antestreia em Julho passado no Festival de Almada, o espectáculo realizou uma digressão em Espanha, que incluiu o Festival de Teatro Clássico de Almagro. Recriando um ambiente renascentista, nesta produção a música ao vivo alia-se à dança de época e aos figurinos alegóricos para celebrar o regresso de El-rei D. João III e Catarina de Áustria a Lisboa. A peça será parcialmente legendada em português.

Fazer Gil Vicente elevar-se acima do plano meramente pedagógico, ao qual demasiadas vezes é restringido, foi um dos pontos de partida para a estreia no nosso País de *Nao d’amores*. O convite a Ana Zamora e à sua equipa surgiu naturalmente, dado o percurso de 15 anos que o colectivo Nao d’amores leva criando espectáculos que revisitam o teatro renascentista. Esta nau estreou em Julho em Almada e levantou ferro para Espanha: Madrid, Almagro, Segóvia. Em entrevista ao *ABC*, a encenadora responde a quem desconfia das fórmulas antigas de fazer teatro: “Não se trata de arqueologia, e de reconstruir o teatro da Renascença como se recuperássemos um vaso numa escavação: fazemos um teatro de hoje, para emocionar os espectadores nossos contemporâneos com textos que têm séculos de idade”.

UMA NAO FEITA D’AMORES

Ao jornal *El Norte de Castilla* Ana Zamora resume o singelo enredo desta peça: “O texto foi representado pela primeira vez no Paço da Ribeira, em Janeiro de 1527, para celebrar o regresso dos reis de Portugal a Lisboa, após uma ausência de quase dois anos motivada pela peste. A peça consistia, pois, numa celebração que incluía desfiles, mimos e barcas. Trata-se de um texto alegórico, pois a cidade de Lisboa, personificada numa princesa, abre o espectáculo, celebrando o regresso dos soberanos.

Esse discurso de boas-vindas é interrompido pela chegada de um príncipe normando que, estando mal de amores, pede emprestada a nau lisboeta para partir em busca da sua ventura. Lisboa não lha dá, mas autoriza o príncipe a construir uma embarcação, tomando a nau portuguesa como modelo. E o seu capitão será o deus do Amor, que conduzirá a nave albergando uma série de personagens com desditas amorosas, mas dispostas a percorrer uma extensa e tumultuosa rota marítima para alcançar a felicidade”.

DELEITE PARA OS SENTIDOS

Dispondo-se a trabalhar com um elenco heterogéneo, Ana Zamora trouxe para esta aventura portuguesa os seus companheiros de viagem de 15 anos, com quem tem vindo a criar vários (e premiados) espectáculos nas principais salas de teatro espanholas. De facto, não será por acaso que o crítico José-Manuel Vila (*Diariocrítico.com*) considera *Nao d’amores* “um verdadeiro deleite para os sentidos: 70 minutos que são inesquecíveis e imperdíveis para quem ama o teatro”. Zamora cruza candura com ironia, o passado com o presente, e a música com a representação – para criar um ambiente festivo em que tudo simultaneamente é e não é, e em que as certezas do espectador se transformam subitamente em surpresas. Ele é os músicos que afinal são actores (e vice-versa); ele é um arco celebratório que, de um momento para o outro, vira barca; ou ainda capotes de fi-

dalgos que se transformam em caretos. Quem está em cena? Actor ou personagem? E que dizer das figuras tradicionais vicentinas que também embarcam nesta nau, para ali convocadas pela dramaturgia criada pela encenadora? E as músicas, que cantam as sereias (sim, também há sereias...), e que nos fazem lembrar melodias antigas que nos trauteava a nossa avó? Em 70 minutos esta *Nao d’amores* realiza uma viagem de cinco séculos, sem que nunca deixemos de estar também nos dias de hoje. Em vez de procurar uma actualização simplista – privando (e truncando) o texto vicentino do seu exotismo fonético, próprio de uma época na qual o português e o castelhano ainda tinham uma sintaxe e uma morfologia bem próximas –, Ana Zamora convida os espectadores (e que oportunidade única para o público escolar) a descobrir um Gil Vicente não tal qual ele foi, mas sim como ele será – se continuar a ser alvo de encenações como esta, que lhe insuflam rigor artístico para que lhe incandescença a poesia.

ENAMORADO MORTO DE AMOR

A celebração do amor nasce sobre um mar pintado no chão do palco, onde pululam monstros mitológicos, que dificultarão (ou, quem sabe, inspirarão?...), o enamorado príncipe normando na sua senda da felicidade. Esta demanda do desconhecido, do não-lugar, tão própria do Renascimento (e quando se assinalam em 2016 os cinco séculos da publicação da *Utopia* de Thomas

More), é também metáfora para a aventura da criação: dos ínvios caminhos que conduzem à estreia de uma peça, por exemplo. E se há 500 anos andavam os portugueses (e espanhóis) embrenhados na aventura das Descobertas, que territórios nos restam ainda hoje para explorar? Será que não é prematuro darmos já por concluída a cartografia dos versos de Mestre Gil, de que não resisto a transcrever aqui um excerto (fala do Príncipe da Normandia)?

*“Estoy tan enamorado,
que de fuerte amor me muero:
no soy señor de mi estado
mas siervo de lo que quiero,
captive de mi cuidado.
Y está tan alta subida
la señora que desseo
que ella me tiene la vida
puesta adonde no la veo
y hago cuenta que es perdida.”*

Como escreveu Jorge L. Figueira, no *Público*: “Se esta nau aportar perto de si, não deixe de embarcar”. (Ou então “À barca, à barca”, como dizia o Mafarrico.)

| RODRIGO FRANCISCO

NAO D’AMORES

De Gil VICENTE
Encenação de Ana ZAMORA

15 OUTUBRO a 13 NOVEMBRO
QUA a SÁB às 21H00
DOM às 16H00





© Rui Carlos Mateus

Um patinho feio da era moderna

ENTREVISTA COM TONI CAFIERO

O feio é a mais recente criação da CTA. Protagonizada por João Tempera, Maria João Falcão, André Pardal e João Farraia, descreve a história de um inventor que se submete a uma cirurgia plástica para progredir na carreira e ser o preferido do chefe, mas que acaba por enfrentar uma crise de identidade, por entre *hits* das *Spice Girls* e referências a Tarantino e Hitchcock. O *MaisTMJB* esteve à conversa com o encenador italiano Toni Cafiero.

O que é que o atrai mais na escrita de Marius von Mayenburg?

Trata-se de uma escrita que tem em conta uma certa autonomia do teatro em relação à literatura: é dado espaço ao encenador para que seja ele o criador do espectáculo. Gosto particularmente de Mayenburg, porque, na sua dramaturgia, ele nunca deixa de ter em conta as necessidades da criação dramática.

Disse também que, se estivesse na Alemanha, não poderia encenar este espectáculo da forma que encenou em Almada. Porquê?

Creio que todas as formas artísticas são um acto de comunicação. Quando faço um espectáculo, não estou à procura de apresentar uma visão pessoal do Mundo – estou simplesmente à procura de que as coisas sejam compreensíveis para as pessoas a quem me dirijo. A cultura teatral alemã (já para não falar do seu sistema económico...) é bastante diferente da portuguesa. Na Alemanha, assistiu-se à transformação de alguns elementos da arte cénica e, para mim, estes ainda se mantêm válidos, tal como em Portugal. Falo sobretudo do aspecto visual do espectáculo e de um certo interesse pelo jogo do actor.

Qual é a sua opinião sobre o teatro pós-dramático? Acha que este espectáculo se aproxima desse universo?

A questão é um tanto mais complexa, na medida em que a existência de um teatro

dito pós-dramático implica também o envolvimento de um determinado público – e de instituições – que sigam e apreciem esse discurso. Defendo que todas as formas teatrais têm direito a existir. Não existe inovação sem risco... Mas não creio que o trabalho que realizámos com *O feio* se inscreva nessa linha estética, particularmente no que diz respeito ao trabalho do actor.

Neste espectáculo, a interpretação dos actores está condicionada por coreografias, pela interacção com o vídeo e com a música... Foi uma exigência formulada desde o início ou surgiu no decorrer dos ensaios? Que objectivos pretendia alcançar?

Normalmente inicio os ensaios com uma ideia já bastante clara daquilo que irá ser o trabalho – ou pelo menos acerca dos materiais que utilizaremos. O que não quer dizer que não ouça as propostas daqueles com quem estou a trabalhar. Para mim, a música tem o mesmo valor emocional e veicula tanto significado quanto o texto e a representação. Aquilo que procuro fazer nos meus espectáculos é encontrar um equilíbrio entre estes vários elementos. Quanto aos excertos dos filmes que entram na peça, trata-se de uma forma de lembrar que o tema da perda de identidade já foi abordado por artistas com a dimensão de Hitchcock ou Dalí. Procuro deslocar o olhar do espectador para um outro suporte, criar uma espécie de elipse temporal.

Acha que a chave para o renascimento do teatro pode passar por dar preferência a textos contemporâneos? Ou por utilizar referências reconhecíveis por todos?

O teatro sempre esteve em crise. Talvez essa característica esteja inscrita no seu ADN... Mas continuará sempre a existir. Porque, apesar de tudo, corresponde a um dos raros momentos na nossa sociedade em que o Homem se confronta com o seu semelhante, com uma verdadeira disponibilidade para escutá-lo. É um momento durante o qual a sensibilidade vem ao de cima e se está verdadeiramente disponível para escutar o outro. Nos dias que correm, estes momentos são cada vez mais raros. Não é o teatro que está em crise, mas sim a nossa sociedade...

Como é que avaliou a reacção do público aquando da estreia no Festival de Almada?

Creio que o público se deixou surpreender e aceitou realizar esta viagem connosco. No entanto, devo dizer que sou um péssimo espectador dos meus próprios espectáculos...

O FEIO

De Marius von MAYENBURG
Encenação de Toni CAFIERO

28 SETEMBRO a 16 OUTUBRO

QUA a SÁB às 21H30
DOM às 16H00



Toni CAFIERO

Formou-se na Escola Jacques Lecoq, em Paris, e na Escola de Belas-Artes de Bolonha. Entre 1984 e 1986, frequentou sucessivas edições da École des Maîtres e, a partir de 1989, apresentou-se como actor e/ou encenador em vários festivais internacionais de teatro, nomeadamente no Festival d'Avignon e no London Mime Festival. Em 1994 deu início a uma profícua carreira como professor, que o fez passar, por exemplo, pela École Nationale Supérieure d'Art Dramatique de Montpellier (2006-2014) e pelo Institut del Teatre de Barcelona (1994-2000). Em 1999, co-fundou a Companhia Faux Magnifique e, entre 2007 e 2010, co-dirigiu o Théâtre de l'Archipel, em Perpignan. Toni Cafiero foi também artista associado no Théâtre Jean Vilar, em Montpellier, e artista residente no Théâtre Jacques Cœur, em Lattes.



© João Tuna

Epifanias fora de tempo

Rei Lear, Beloved Sinner e Morte são os espectáculos que completam a programação de teatro do TMJB para 2016: uma tragédia de Shakespeare, uma dramaturgia inspirada na obra de Oscar Wilde e um monólogo original sobre a nossa condição de mortais. À partida, é muito pouco aquilo que as três produções têm em comum: difere a língua dos encenadores, difere o tipo de abordagem, difere substancialmente a dimensão do elenco que sobe ao palco. Todavia, vistas de perto, todas tentam surpreender-nos com as suas epifanias fora de tempo.

Conceda-se a Shakespeare o privilégio de abrir o artigo – ainda para mais quando passam 400 anos desde que o autor de língua inglesa mais representado em todo o Mundo desapareceu. Foi, aliás, por essa razão que o Ensemble decidiu levar à cena *Rei Lear*, a peça cuja história inspirou o conhecido conto popular que Teófilo Braga publicou com o título de “*O sal e a água*”. Lembrar-se-á certamente que, nele, o amor que a filha mais nova nutre pelo rei, seu pai, é comparado à falta que o sal faz na comida. Ora, na obra do bardo inglês, Cordélia consegue ser ainda menos eloquente: “*Amo vossa majestade conforme o meu dever. Nem mais, nem menos*”. No conto, bastam meia dúzia de pratos insossos para que o rei se arrependa de ter expulso a princesa do palácio. Na tragédia, o caso é, obviamente, mais complicado. A Bretanha e a França estão em guerra, as filhas mais velhas de Lear têm ambições políticas, uma máquina de embustes e de conspirações põe-se em marcha, movida pelo filho de Gloucester, Edmundo. “*Não devias ter ficado velho antes de teres ficado sábio*”, dirá o Bobo a Lear quando este der por ela – numa frase que aponta, simultaneamente, para o tempo e para o esforço implicados na descoberta da Verdade e para uma dessas terríveis contradições da vida, que nos traz a sabedoria quando menos precisamos dela. O espectáculo estreou em Junho no

TNSJ, com o actor Jorge Pinto no papel principal, e corresponde à primeira incursão profissional de Rogério de Carvalho no universo de Shakespeare, apesar dos seus 42 anos de carreira. Apresenta-se no dia 24 de Setembro na Sala Principal do TMJB e serve de pretexto para a realização de uma *Conversa com o público* no mesmo dia, algumas horas antes.

DE IRLANDÊS PARA IRLANDÊS

O mesmo acontecerá com *Beloved Sinner*, um dos destaques do mês de Novembro na Sala Experimental. Trata-se de um monólogo de Denis Rafter inspirado na obra e na biografia daquele que, curiosamente, tem disputado o lugar de segundo autor de língua inglesa mais representado em todo o Mundo. Com efeito, são os últimos dias de vida de Oscar Wilde que se recordam em cena, num espectáculo que nos transporta até ao quarto do hotel parisiense onde, em 1900, o escritor definhava, já depois de ter cumprido pena por ser “*o ponto central de um círculo de jovens imensamente corrupto e vergonhoso*” cujas alegadas práticas homossexuais horrorizavam a opinião pública irlandesa. Mas *Beloved Sinner* é também uma prova de amor, que um admirador irlandês (recentemente distinguido com o Prémio Adolfo Marsillach, atribuído pela Asociación de Directores de Escena de Espanha) fez questão de dedicar a um génio patricio. Rafter reconheceu até que foi “*a sabedoria da velhice*” que o fez regressar, pela segunda vez na sua carreira,

a textos como *O rouxinol e a rosa*, *Salomé* e *O retrato de Dorian Gray*. Garante que os espectadores deixarão a sala com vontade de “*saber mais sobre Wilde*” e sobre um percurso que tem muitos pontos de contacto com o de Lear, não fosse a insensatez do rei bretão encontrar correspondência na forma indulgente e lânguida como Wilde levava a vida antes do escândalo. No seu caso, a clarividência chegou com o bafo da morte: “*Conheci grandes êxitos e grandes fracassos e entendo o valor de ambos. Mas agora sei que o fracasso significa mais, muito mais, do que o êxito*”.

A MORTE NA RIBALTA

Passo a passo, era para lá que caminhávamos. O último espectáculo acolhido na Sala Experimental do TMJB (e o derradeiro protagonista do ciclo de *Conversas com o público* que se organizou em 2016) chama-se, simplesmente, *Morte*. Por um lado, corresponde ao regresso de Nuno Cardoso aos palcos, depois de a residência no TNSJ e a direcção artística do Ao Cabo Teatro o terem feito privilegiar a encenação. Por outro, resulta de uma colaboração com Àlex Rigola, o encenador e dramaturgo catalão que está actualmente à frente da secção de teatro da Bienal de Veneza. Juntos, e sem partirem de qualquer texto prévio, os criadores apostaram numa estratégia de sobreposição e de colagem de fragmentos para confrontarem a ideia de morte com movimentos “*aparentemente contraditórios*”, característicos das socie-

dades contemporâneas, como sejam “*a trivialização, a espectacularização e a redução ao absurdo maravilhoso*”. Sozinho em palco, o português interpretará um discurso “*mais ou menos íntimo, mais ou menos subversivo, a partir de uma ideia de auto-biografia artística*”.

No fundo, os três espectáculos acolhidos descrevem uma tomada de consciência: do erro, da superficialidade, da morte. Refletem a conquista sofrida de uma maturidade impossível de obter sem que tropeçemos nos obstáculos que a vida, cuidadosamente, dispõe no nosso caminho. Talvez o teatro seja o atalho de que todos estamos à procura. | ÂNGELA PARDELHA

REI LEAR

De William SHAKESPEARE
Encenação de Rogério de CARVALHO
24 SETEMBRO
SÁB às 21H00

BELOVED SINNER

Texto e encenação de Denis RAFTER
11, 12 e 13 NOVEMBRO
SEX e SÁB às 21H00 | DOM às 16H00

MORTE

De Àlex RIGOLA e Nuno CARDOSO
Encenação de Àlex RIGOLA
26 e 27 NOVEMBRO
SÁB às 21H00 | DOM às 16H00

Cabaret à portuguesa sobre os novos males da Nação

Cabaret alemão estreou em 2014, quando faltavam poucos meses para Portugal dizer adeus ao programa de ajustamento acordado com a UE e o FMI. No Teatro do Bairro, imaginava-se pela mesma altura que a Alemanha tinha vindo ocupar este cantinho à beira mar plantado, na cauda literal e figurativa da Europa, e que um grupo de actores portugueses conspirava para pôr termo à afronta. Acontece que agora, perante gerigonças e quejandos, uma reposição traria consigo o cheiro a bafio de que a crítica aos pequenos e grandes poderes foge a sete pés. Será actualizado de propósito para Almada, com Maria Rueff e Sofia de Portugal à frente do elenco que sobe ao palco do café-concerto do TMJB entre os dias 17 e 26 de Novembro.



“De certo modo, o espectáculo que as pessoas vão ver em Almada é uma estreia absoluta”, avança Maria Rueff ao telefone. Isto porque o *Cabaret alemão* original, nascido no Teatro do Bairro em conversa com o encenador António Pires, precisou de ser reformulado e de se adaptar aos dias que correm. Por ocasião da estreia, em Março de 2014, a crise, a Merkel e a troika estavam no centro das atenções e a “ausência de humor nas televisões” era um motivo de preocupação para a comedianta. “Era preciso tornar claro aquilo que se lia nas entrelinhas e, por isso, aproveitámos o formato do cabaret alemão, surgido pouco antes de Hitler chegar ao poder e perfeitamente possível de recriar no espaço do Teatro do Bairro”. Com a ajuda da escritora Luísa Costa Gomes e do musicólogo Mário Vieira de Carvalho, o espectáculo foi ganhando forma, com a tradução de poemas de Bertolt Brecht, Kurt Tucholsky e Thomas Mann e de canções de Rudolf Nelson, Friedrich Holländer e Hans Eisler. “Para quem tem na memória o filme da Liza Minnelli ou a série de culto dos anos 80, Alô, alô!, é fácil estabelecer a comparação”, declara Maria Rueff.

À MEDIDA DE ALMADA

Em Almada, o espectáculo decorre no café-concerto do TMJB. Os espectadores

ocuparão as mesas defronte do pequeno palco que se ergue ao fundo da sala, com o piano vertical em lugar de destaque, porque a música é interpretada ao vivo. Maria Rueff diz não temer a proximidade. Na verdade, a interacção com o público e a comédia de improviso fazem-na recuar até ao início da sua carreira, quando, depois de ter terminado o Conservatório, começou no café-teatro com João Baião: “Foi este género que me fez como comedianta, estando cara a cara com as pessoas”. O regresso a Almada, onde o público a brindou com uma enorme ovação no fim do espectáculo *António e Maria*, em Março, é aguardado com expectativa: “Este espectáculo tem tudo a ver com Almada, uma cidade que está na vanguarda da crítica e da cultura”, afirma a actriz. “Não me lembro de ver, em Portugal, um público tão instruído, tão atento e tão habituado a ver teatro. De facto, o Joaquim Benite e o Festival de Almada formaram um público extraordinário”. Maria Rueff estará à conversa no dia 19 de Novembro sobre *Cabaret alemão* e sobre o retrato subversivo e bem-humorado que este traça de Portugal e da Europa. | ÁNGELA PARDELHA

CABARET ALEMÃO

De Luísa Costa GOMES
Encenação de António PIRES
Direcção musical de Gabriel GOMES

17 a 26 NOVEMBRO
QUI, SEX e SÁB às 22H30



Luísa Costa GOMES

Licenciada em Filosofia, Luísa Costa Gomes foi professora no Ensino Secundário. Fez a sua estreia na escrita no início dos anos 80 com *Treze contos de sobressalto*. Desde então tem-se dedicado à tradução e à escrita de romances, contos, crónicas, obras de literatura infantil-juvenil e peças de teatro. Colaborou também em vários jornais e revistas e escreveu o libreto de algumas óperas, nomeadamente de *O corvo branco*, de Philip Glass, que Bob Wilson encenou na Expo 98. Para além de ter dirigido a revista *Ficções* e de ter orientado cursos de Escrita Criativa, esteve envolvida na criação de diversos programas de rádio e de televisão sobre literatura e filosofia. Recebeu, em 2010, o Prémio Fernando Namora pela obra *Ilusão ou o que quiserem* e, em 2015, o Grande Prémio de Literatura dst com *Cláudio e Constantino*.



Maria RUEFF

Maria Rueff é actriz de teatro, cinema e televisão. Licenciada em Teatro – Formação de Actores pela Escola Superior de Teatro e Cinema, estreou-se profissionalmente em 1991, no Teatro Villaret, numa encenação de Armando Cortez. Pouco depois, haveria de encetar uma longa colaboração com Herman José, tornando-se conhecida do grande público através da sua participação em programas como *Herman Enciclopédia* (1997), *Herman 98* (1998), *Herman 99* (1999), *Herman SIC* (2000) e *Hora H* (2007). Foi agraciada com o grau de Oficial da Ordem do Mérito em 1999, pelo Presidente Jorge Sampaio, e recebeu, em 2016, o Globo de Ouro para Melhor Actriz de Teatro. Esteve recentemente no TMJB com o espectáculo *António e Maria*, encenado por Miguel Seabra e baseado na obra de António Lobo Antunes.

TEATRO PARA A INFÂNCIA

LUA CHEIA – TEATRO PARA TODOS

CABELOS EM PÉ!

De Fátima Effé
Versão cénica de Maria João Trindade

OUTUBRO

SÁB 08 às 16H | DOM 09 às 11H



M/4

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

PASTÉIS DE NATA PARA BACH

Dramaturgia de Teresa Gafeira e Pedro Proença
Encenação de Duarte Guimarães

OUTUBRO

SÁB 22 às 16H | DOM 23 às 11H



M/3

LIMITE ZERO ASSOCIAÇÃO CULTURAL

AS VIAGENS DE GULLIVER

A partir de Jonathan Swift
Dramaturgia de Jorge Constante Pereira
Encenação de Raul Constante Pereira

NOVEMBRO

SÁB 05 às 16H | DOM 06 às 11H



M/6

VALDEVINOS TEATRO DE MARIONETAS

BARTOLINA E OS SEUS BOTÕES

A partir de Susana Cardoso Ferreira
Adaptação e enc. de Fernando Cunha

NOVEMBRO

SÁB 19 às 16H | DOM 20 às 11H



M/6

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

O BARBEIRO DE SEVILHA

A partir de Gioachino Rossini
Encenação de Teresa Gafeira

DEZEMBRO

QUI 08 e SÁB 10 e 17 às 16H
DOM 11 e 18 às 11H



M/3

SESSÕES ESPECIAIS PARA ESCOLAS
Entre 06 e 18
Dezembro

OFICINAS AOS SÁBADOS

10 e 17 de SET
das 15H às 18H

O teatro do Mundo

Concepção e orientação
de Joana Manaças

24 de SET e 01 de OUT
das 15H às 18H

Ópera???

Concepção e orientação
de Susana Quaresma

15 e 29 de OUT
das 15H às 18H

Por que criam os artistas?

Concepção e orientação
de Joana Manaças

12 e 26 de NOV
das 15H às 18H

As cores do Teatro Azul

Concepção e orientação
de Miguel Horta

03 e 10 de DEZ
das 15H às 18H

Silêncios e sons

Concepção e orientação
de Tânia Cardoso

FAIXAS ETÁRIAS

O primeiro Sábado de cada oficina: crianças entre os 5 e os 7 anos
O segundo Sábado de cada oficina: crianças entre os 8 e os 11 anos



© João Gaspar

Por que crescem as famílias?

Noite da liberdade é a última criação do ano da Companhia de Teatro de Almada, que repõe o espectáculo entre 11 e 29 de Janeiro de 2017. Situada na Baviera no início dos anos 30, a peça servirá de mote para uma reflexão sobre os mecanismos de defesa da democracia face ao totalitarismo; mas também sobre a corrupção da ideologia e a rivalidade entre as forças de esquerda; e sobretudo sobre os possíveis resultados dessas dissensões. Tudo isto com Portugal ao fundo.

De que mecanismos dispõe a democracia para se defender do totalitarismo, quando é o próprio povo quem expressa, democraticamente, a vontade da sua abolição? Esta é a pergunta que se puseram os governantes socialistas da República de Weimar quando os alemães decidiram, no início dos anos 30, dar o poder ao partido nazi.

DEMOCRACIA SEM DEMOCRATAS?

Numa época em que o próprio Parlamento Europeu acolhe partidos que não hesitam em propalar valores anti-democráticos (e até neo-fascistas), ao mesmo tempo que se assiste à montada (por via eleitoral) da extrema-direita europeia, debruçamo-nos sobre *Noite da liberdade*. Horváth considerava-se um *mitteleuropeu* por excelência, falante de várias línguas e cidadão de um império que deixou de existir quando começou a erigir a sua obra. Obra essa que praticamente não teve outro objectivo que não fosse avisar a sociedade do seu tempo contra o crescimento da “*besta-negra*”, através da descrição dos valores e dos hábitos da pequena-burguesia alemã (e austríaca), incapaz de se opor à tomada do poder por parte dos nazis. Nazis, esses, que depressa entenderam o perigo que representava para o seu projecto fascista títulos como *Juventude sem Deus*, relegando Horváth para a lista de autores banidos. Que diria agora o dramaturgo desta Europa eri-

gida nas ruínas da II Grande Guerra, a que ele já não assistiu? Que comentários lhe mereceriam uma instituição como a União Europeia, construída sobre pilares progressistas – e aparentemente incapaz de reagir àqueles que exibem o seu desprezo pelos valores humanistas e democráticos que lhe presidem? Que sociedade é esta, incapaz de tirar lições das obras daqueles que, tal como Ödön von Horváth, assistiram à catástrofe que foi a I Grande Guerra e se lançaram a escrever para que uma semelhante mortandade não se repetisse? Como é que pode defender-se ainda a democracia, se não nos dedicarmos firme e desesperadamente à formação de democratas? Quem acha que estas questões não são prementes, que estude os números da abstenção europeia e o crescimento dos movimentos populistas que surgem (e desaparecerão) à medida dos interesses daqueles que os encabeçam, e vão direccionando em seu proveito o descontentamento dos eleitores relativamente a uma Europa apoiada em instituições que se tornaram burocráticas e cada vez mais auto-suficientes.

ERA UMA VEZ NA BAVIERA

Em *Noite da liberdade* estamos numa pequena cidade do Sul da Alemanha, no início dos anos 30. É neste contexto que assistimos à luta entre a secção do Partido Socialista local (SPD), que planeia realizar a sua Noite da Liberdade precisamente no mesmo estabelecimento (e no mesmo dia) em que os nazis haviam projectado

um Dia da Pátria. O espírito parlamentar e democrático destes socialistas (liderados por um Conselheiro verborreico e pusilânime) tornará possível que os dois festejos se realizem (a horas diferentes, como o nome das respectivas festas impõe), porque, afinal de contas, “*ainda vivemos numa democracia*”, como se apressa a justificar um dos dirigentes locais. Ora, é precisamente contra a prevalência deste espírito parlamentar, para mais numa altura em que a ameaça nazi sobe de tom, que se encontra uma facção mais à esquerda (e revolucionária) deste partido: o grupo formado pelo jovem Martin e os seus camaradas. Para estes jovens, o SPD havia traído a sua origem de classe, e encontrava-se agora prisioneiro de uma posição pacifista, que apenas servia para justificar a sua passividade (e cobardia). Uma bravata por parte deste grupo de jovens (que Horváth descreve como simpatizantes do KPD – o Partido Comunista Democrático) faz com que o confronto com os nazis se torne inevitável. Mas o desfecho de *Noite da liberdade* corresponde muito menos a um retrato das circunstâncias políticas da queda da República de Weimar do que a um apelo (desesperado) do seu autor àqueles que assistiam à peça.

DA REVOLUÇÃO À QUINTINHA

O humorista Herman José criou há uns anos uma figura que nunca deixava de nos arrancar sorrisos: era um homem que, após a fúria revolucionária dos anos 70, se justi-

ficava da seguinte forma quando confrontado com a sua irresistível tendência para a acumulação de bens materiais: “*Sabe, eu até era muito de esquerda – mas depois a família cresceu e...*”. Não é preciso procurar muito na breve História da nossa democracia para encontrar uma abundância de jovens *baby boomers* revolucionários para quem as famílias cresceram (e de que maneira). Tal como o Conselheiro socialista da peça de Horváth, que não via razão nenhuma para não “*comprar uma quintinha*”, também no nosso País abundaram aqueles que transformaram o idealismo da juventude num comodismo que se acomodou placidamente, a partir de 1986, aos fundos estruturais de Bruxelas. *Noite da liberdade* constitui uma boa oportunidade para reflectirmos sobre os mecanismos que a democracia tem para se defender da barbárie. Mas também sobre o dever que cada um de nós tem na formação de futuros democratas, para que este sistema prevaleça. E para que as famílias possam continuar a crescer. | RODRIGO FRANCISCO

NOITE DA LIBERDADE

De Ödön von HORVÁTH
Encenação de Rodrigo FRANCISCO

02 a 11 DEZEMBRO

QUA a SÁB às 21H00
DOM às 16H00

REPOSIÇÃO:

11 a 29 JANEIRO 2017



Uma 'playlist' completa

A Sala Principal do TMJB pode ter ar de casa de fados e converter-se em seguida em palco de festival; pode exibir com orgulho o seu fosso de orquestra e logo se arranjar com primor para concertos de música de câmara. A 17 de Setembro, a fadista Joana Amendoeira será a primeira a subir ao palco que, entre Outubro e Dezembro, receberá também a digressão da Ala dos Namorados, duas sessões do Ciclo Beethoven organizado pela Orquestra Metropolitana de Lisboa e a estreia da nova peça de Nuno Côrte-Real, integrada na Temporada Darcos 2016.

Se ainda não tem bilhete, não se atrase. Joana Amendoeira actua a 17 de Setembro na Sala Principal do TMJB, às 21h30, num concerto que promete revisitar êxitos do passado e dar a conhecer o último álbum de originais da fadista nascida em Santarém. Editado em Fevereiro de 2016, *Muito depois* reflecte o crescimento de Joana Amendoeira como mulher e intérprete e recorda o longo caminho que esta vem percorrendo desde que, aos 11 anos, venceu a Grande Noite do Fado do Porto e desde que lançou o seu primeiro disco, quatro anos mais tarde. Os críticos têm-na acarinhado: Manuel Halpern considerou a sua história “*uma das mais prodigiosas*” do fado e Nuno Pacheco não hesitou em anunciar no jornal *Público*, apoiado no mais recente trabalho da fadista, “*a entrada definitiva de Joana Amendoeira na fase mais adulta do seu fado*”. Entre as composições que se ouvirão esta noite contam-se, por exemplo, o *single* “*Lisboa da madrugada*” e poemas de Vasco Graça Moura, Natália Correia e Tiago Torres da Silva.

ALA DOS NAMORADOS VINTAGE

A Ala dos Namorados toca no próximo dia 1 de Outubro, naquela que é também a sua segunda grande deslocação à Margem Sul, depois de este Verão ter marcado presença no Festival Sol da Caparica. O concerto

faz parte da digressão *Ala dos Namorados Vintage*, uma série de actuações que procura divulgar o último álbum de originais da banda (lançado em 2014 com o título *Felicidade*), mas que, recentemente, tem revelado também um dos caminhos que Nuno Guerreiro e Manuel Paulo pretendem explorar a seguir: a recuperação de músicas do cancionero *pop* português das décadas de 50, 60 e 70. Assim, nos últimos espectáculos, para além de êxitos como *Solta-se o beijo*, *Loucos de Lisboa*, *Ao fim do mundo* e *Caçador de sóis* (que muitos sabem cantar do princípio ao fim), o repertório do grupo tem incluído alguns temas do próximo trabalho, a lançar no final deste ano. É o caso de *Animais de estimação* (um tema da Filarmónica Fraude, originalmente gravado em 1969), *Noites da Madeira*, de Max, e *Olhos castanhos*, de Francisco José.

QUATRO SINFONIAS DE BEETHOVEN

O ciclo que a Orquestra Metropolitana de Lisboa traz a Almada é uma boa oportunidade para ficar a conhecer uma parte muito significativa da obra sinfónica de Beethoven. No primeiro concerto, a realizar no dia 7 de Outubro, a formação dirigida pelo maestro Pedro Amaral interpretará as Sinfonias n.º 4 e n.º 6; no segundo, marcado para o dia 9, estarão em destaque as Sinfonias n.º 5 e n.º 7. A descontração e o bom humor das primeiras, que os estudiosos atribuem ao facto de o compositor ter necessidade de descomprimir após a escrita

extenuante das sinfonias precedentes, ficará bem patente quando contrastada com a monumentalidade e o dramatismo das últimas – e, em particular, desse célebre motivo de quatro notas que inicia a Quinta Sinfonia e que é, talvez, o mais conhecido de toda a história da música ocidental. O ciclo surge depois de Pedro Amaral já ter levado a cabo, este ano, a apresentação integral das nove sinfonias – um projecto que, em Portugal, só encontra paralelo na passagem da Royal Philharmonic Orchestra pelo Coliseu dos Recreios, em 1973, dirigida pelo maestro russo Yuri Ahronovitch.

NUNO CÔRTE-REAL EM ESTREIA

Finalmente, no dia 16 de Dezembro, Nuno Côrte-Real apresenta em Almada o segundo livro da série *Novíssimo Cancioneiro*, um projecto dedicado à música tradicional portuguesa que procura coligir várias melodias e arranjá-las para um grupo específico de instrumentos e vozes. Neste caso, *Cante* inspira-se na música de Serpa, considerada Património Imaterial da Humanidade desde Novembro de 2014, e foi composta para coro, quinteto de cordas e piano. A obra evoca o Alentejo profundo – do calor, das planícies, dos afectos e das memórias de tantas portuguesas e portugueses – e, no TMJB, será interpretada pelo Ensemble Darcos e pelo Coro Ricercare, estando a direcção musical a cargo do próprio compositor, que afirma ter-se lançado neste universo com “*a humildade de um leigo*”. O programa não fica

completo sem a interpretação do *Quarteto Americano* de Antonín Dvorák, composto aquando da visita do checo aos Estados Unidos da América. O folclore encerra assim, com chave de ouro, a programação musical do TMJB para 2016, pensada para reunir miúdos, graúdos e toda a espécie de melómanos: os que escutam de olhos fechados, os que cantam a plenos pulmões e os que discretamente vão marcando o ritmo, meneando a cabeça ou batendo o pé. |

ÂNGELA PARDELHA

JOANA AMENDOEIRA

17 SETEMBRO
SÁB às 21H30

ALA DOS NAMORADOS

01 OUTUBRO
SÁB às 21H30

CICLO BEETHOVEN

Direcção musical de Pedro AMARAL
07 e 09 OUTUBRO
SEX às 21H30 | DOM às 16H00

CANTE

Por Nuno Côrte-Real
16 DEZEMBRO
SEX às 21H00

Dançar e saber perder, dançar e amar para sempre

O TMJB recebe em Setembro a estreia absoluta da nova criação da Companhia de Dança de Almada. *The Art of Losing*, uma coreografia de São Castro, inspira-se nas cicatrizes deixadas pelo sentimento de perda e integra a programação da 24.ª Quinzena de Dança de Almada. Em Dezembro, mantém-se a tradição de acolher um bailado na Sala Principal. Nos dias 29 e 30 a Companhia Nacional de Bailado apresenta a história trágica de *La bayadère*, a bailadeira do templo que vê o seu amado faltar às juras de amor eterno que trocara consigo. O bailado, com coreografia original de Marius Petipa e música de Ludwig Minkus, era o último grande clássico que faltava no repertório da companhia, que assinala, no próximo ano, o seu 40.º aniversário.

Antes de ser coreografia, *The Art of Losing* era poema. Um poema melancólico da norte-americana Elizabeth Bishop (1911-1979), do qual São Castro gosta de recordar o primeiro verso: “*The art of losing isn't hard to master*” [“A arte da perda não é difícil de dominar”]. As palavras trouxeram consigo a vontade de trabalhar sobre a ideia e o sentimento de perda, tanto a nível psicológico como físico, tanto no plano individual como social – algo que, no caso da coreógrafa, não se traduz, de maneira nenhuma, em qualquer espécie de narrativa: “*A dança é a mais abstracta das artes, a menos verbal de todas, na verdadeira acepção da palavra. Não sinto necessidade de criar qualquer narrativa. Não é preciso perceber. Limito-me a utilizar o corpo e todas as suas potencialidades para me conectar com os outros. Tudo se reflecte no corpo*”.

PORTAS ABERTAS

Esta colaboração com a Companhia de Dança de Almada é, na verdade, a primeira da carreira de São Castro e resultou de um convite que lhe foi dirigido pela directora da instituição, Maria Franco, há vários anos. “*Gosto muito da Companhia de Dança de Almada e dos seus bailarinos. Agora, foi finalmente possível, depois das incompatibilidades que nos impediram de trabalhar juntos no passado*”, explica a

criadora. *The Art of Losing* reúne em palco seis intérpretes a quem São Castro pediu propostas de movimento: “*Pedi-lhes que fossem buscar histórias suas, experiências privadas relacionadas com o tema da perda. Depois, trabalhei-as*”. Se se inspiram na perda das chaves, no desaparecimento de um animal de estimação ou na morte de um ente querido, não sabe. “*Ainda hoje não sei do que se trata. Fiz questão disso. Interessa-me a expressividade do movimento e do sentimento que tem subjacente*.” Dir-se-ia, portanto, que os intérpretes se expõem e que, paradoxalmente, os seus segredos continuam bem guardados. Dir-se-ia que têm centenas de pares de olhos cravados no corpo, mas que cada história existe apenas na sua cabeça. São Castro, que recebeu o Prémio Autores 2015 na categoria Dança – Melhor Coreografia, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Autores, espera que aconteça o mesmo com os espectadores: “*Na dança, não há certo e errado, não é possível exigir que a interpretação seja semelhante. Todas as portas estão abertas e todos, com maior ou menor intensidade, já passaram pela experiência da perda. O espectáculo será aquilo que cada um quiser que seja*”. A estreia absoluta acontece já no próximo dia 29 de Setembro.

UM BAILADO EXÓTICO

A nova criação da Companhia Nacional de Bailado leva-nos até à cordilheira dos Himalaias. *La bayadère* é uma peça em três

actos que descreve a história de Nikia e Solor, um jovem guerreiro que troca juras de amor eterno com a bailadeira do templo. Nikia mantém-se fiel ao seu compromisso, mesmo depois de um alto sacerdote hindu lhe prometer todas as riquezas da Índia, mas Solor vacila quando um rajá lhe oferece a mão da filha Gamzatti em casamento. Ora, Nikia não resiste ao noivado do amado: é mordida por uma serpente venenosa, que vinha escondida num ramo de flores que nesse dia lhe foi entregue em nome de Solor. O Acto das Sombras, o último do bailado, trata, por isso, dos remorsos do guerreiro e é um dos melhores exemplos do classicismo académico da dança, colocando, na opinião de alguns especialistas, enormes dificuldades técnicas ao corpo de baile feminino. A Companhia Nacional de Bailado já o tinha levado à cena, isolado, em 1987. Agora, prepara finalmente a versão integral do clássico estreado em 1887 no Teatro Maryinski, em S. Petersburgo, com coreografia de Marius Petipa, música de Ludwig Minkus e libreto de Sergei Khudekov, e que se distingue, sobretudo, pelo seu exotismo: os palácios sumptuosos, as cores vibrantes, os véus transparentes e as proezas dos faquires.

MAIS UM AMOR TRÁGICO

Nesta criação, Fernando Duarte, bailarino da Companhia Nacional de Bailado desde 1996, é o responsável pela recriação da coreografia original, depois de, a convite da instituição dirigida por Luísa Taveira, já ter

assegurado a reconstrução coreográfica e a coreografia adicional de *O lago dos cisnes* (2013), a coreografia de *Quebra-Nozes* (2014) e uma nova versão de *O pássaro de fogo* (2015). *La bayadère* conta ainda com a colaboração da Orquestra de Câmara Portuguesa na interpretação ao vivo dos temas de Minkus. À frente dos seus 50 músicos, estará o co-fundador, director artístico e maestro titular da formação, Pedro Carneiro, vencedor do Prémio Gulbenkian Arte em 2011. A Companhia Nacional de Bailado apresenta-se no TMJB em dose dupla, nos dias 29 e 30 de Dezembro, prometendo trazer consigo mais uma história de amor trágico, depois de *Pedro e Inês*, de Olga Roriz, ter encantado os cerca de mil espectadores que esgotaram em dois dias a lotação da Sala Principal no ano passado. |

ÂNGELA PARDELHA

THE ART OF LOSING

Coreografia de São CASTRO

29 e 30 SETEMBRO

QUI e SEX às 21H30

LA BAYADÈRE

Coreografia de Fernando DUARTE

segundo Marius PETIPA

Libreto de Sergei KHUDEKOV

29 e 30 DEZEMBRO

QUI e SEX às 21H00



© João Penalva

SETEMBRO – DEZEMBRO 2016

JOANA AMENDOEIRA

17 SET

ENSEMBLE – SOCIEDADE DE ACTORES

REI LEAR

De William Shakespeare
Encenação de Rogério de Carvalho

24 SET

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

O FEIO

De Marius von Mayenburg
Encenação de Toni Cafiero

28 SET a 16 OUT **criação**

COMPANHIA DE DANÇA DE ALMADA

THE ART OF LOSING

Coreografia de São Castro

29 e 30 SET **criação**

ALA DOS NAMORADOS

01 OUT

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

CICLO BEETHOVEN

Direcção musical de Pedro Amaral

07 e 09 OUT

LUA CHEIA – TEATRO PARA TODOS

CABELOS EM PÉ!

De Fátima Effé
Versão cénica de Maria João Trindade

08 e 09 OUT **PARA A INFÂNCIA**

NAO D'AMORES
E COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

NAO D'AMORES

De Gil Vicente
Encenação de Ana Zamora

15 OUT a 13 NOV **criação**

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

PASTÉIS DE NATA PARA BACH

Dramaturgia de Teresa Gafeira e Pedro Proença
Encenação de Duarte Guimarães

22 e 23 OUT **PARA A INFÂNCIA**

LIMITE ZERO ASSOCIAÇÃO CULTURAL

AS VIAGENS DE GULLIVER

A partir de Jonathan Swift
Dramaturgia de Jorge Constante Pereira
Encenação de Raul Constante Pereira

05 e 06 NOV **PARA A INFÂNCIA**

BELOVED SINNER

Texto e encenação de Denis Rafter

11, 12 e 13 NOV

TEATRO DO BAIRRO

CABARET ALEMÃO

De Luísa Costa Gomes | Enc. de António Pires
Direcção musical de Gabriel Gomes

17 a 26 NOV

VALDEVINOS TEATRO DE MARIONETAS

BARTOLINA E OS SEUS BOTÕES

A partir de Susana Cardoso Ferreira
Adaptação e encenação de Fernando Cunha

19 e 20 NOV **PARA A INFÂNCIA**

AO CABO TEATRO
E HEARTBREAK HOTEL

MORTE

De Àlex Rigola e Nuno Cardoso
Encenação de Àlex Rigola

26 e 27 NOV

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

NOITE DA LIBERDADE

De Ödön von Horváth
Encenação de Rodrigo Francisco

02 a 11 DEZ **criação**

REPOSIÇÃO: 11 a 29 JAN 2017

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

O BARBEIRO DE SEVILHA

A partir de Gioachino Rossini
Encenação de Teresa Gafeira

08 a 18 DEZ **PARA A INFÂNCIA**

ENSEMBLE DARCOS

CANTE

Por Nuno Côrte-Real

16 DEZ

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO

LA BAYADÈRE

Coreografia de Fernando Duarte
Libreto de Sergei Khudekov

29 e 30 DEZ

A VER VAMOS

De Margarida Jardim

Até 02 OUT

TÍTULO DESCRITIVO

De Andrea Brandão

15 OUT a 30 DEZ

EXPOSIÇÕES

CLUBE DE AMIGOS DO TMJB

Os membros do Clube de Amigos têm direito aos seguintes descontos:

- Produções da CTA: entrada gratuita e 50% de desconto para os acompanhantes
- Espectáculos acolhidos: 50% de desconto e 30% de desconto para os acompanhantes
- Menu de refeição completa por 7,5€ no Restaurante do Teatro
- 50% de desconto nas edições da Companhia de Teatro de Almada
- 20% de desconto nas Assinaturas para o Festival de Almada
- Exclusividade na reserva de bilhetes para os espectáculos acolhidos